

**EMBRAPA**

CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE
SERINGUEIRA E DENDÊ
Rodovia AM-010, km 28/29, Caixa
Postal 319 - 69.000-Manaus-AM.

C N P S
BIBLIOTECA

Nº 04 NOVENBRO/1981 2 p.

PESQUISA EM ANDAMENTO

ATROFIA DE ENXERTOS DE SERINGUEIRA. RESULTADOS PRELIMINARES¹



Vicente H. F. Moraes²

A atrofia de enxertos de seringueira ocorre com frequência variável, atingindo em alguns casos até 5% do "stand". Os enxertos atrofiados apresentam folhas amarelo-claro fosco, algumas vezes com manchas verde-claro. As folhas persistem por muito tempo, ao contrário dos casos de perda da cor verde devida à senescência foliar.

Raramente as plantas atrofiadas chegam a emitir mais de dois lançamentos após a brotação da gema do enxerto. Decorrido um certo número de meses, variável provavelmente em função das reservas do porta-enxerto, as plantas atrofiadas entram em declínio e morrem.

Essa anomalia tem sido constatada em quase todos os clones, sendo no entanto mais frequente no Fx 3899, nos plantios próximos a Manaus, talvez por ser este o clone mais difundido.

Não foi encontrada qualquer referência sobre o assunto na literatura nacional e internacional, apesar de o autor haver encontrado enxertos com os sintomas descritos em todas as áreas de heveicultura que visitou no Brasil.

⁽¹⁾Trabalho realizado com a participação de recursos financeiros do Convênio SUDHEVEA/EMBRAPA.

⁽²⁾Engº Agrº, Pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê - CNPSD/EMBRAPA.

Para testar se o distúrbio é devido a vírus foram feitos enxertos de material retirado de plantas atrofiadas que chegaram a emitir o terceiro lançamento no período de oito meses. De doze enxertos obtidos desenvolveram-se plantas normais, o que demonstra ser pouco provável a hipótese de vírus.

Em enxertos com desenvolvimento normal foram induzidos sintomas foliares semelhantes aos de atrofia, com o anelamento do caule decorridos quatro meses após o anelamento. Por outro lado, três aplicações semanais de mistura comercial completa de nutrientes via foliar provocaram a emissão de novo fluxo foliar da gema apical, com 39 a 45 dias, após o início do tratamento, enquanto as testemunhas, atrofiadas, de mesmo porte, permaneceram com a gema inativa nesse período.

As folhas das plantas tratadas com adubação foliar apresentaram cor verde-claro até o início do estágio D, regredindo posteriormente para a cor amarelo-claro.

Foi obtida a mesma resposta com a repetição dos tratamentos três meses após.

O resultado do anelamento indica, à primeira vista, um bloqueio no floema, o que não é confirmado pela recuperação parcial com a adubação foliar. O anelamento porém prejudica também a funcionalidade dos elementos xilemáticos periféricos, que são os mais ativos, e impede a formação de novas camadas de xilema devido à ausência do câmbio na parte anelada. São desse modo conciliáveis os dois resultados, tendo especialmente em vista que nas plantas aneladas os sintomas só se tornaram aparentes após quatro meses.

Não fica entretanto completamente excluída a hipótese de que a causa primária seja um bloqueio do floema, do que resultaria carência de carboidratos para as raízes. Entretanto, a ocorrência de atrofia típica em enxertos sobre cavalos vigorosos decapitados para a brotação do enxerto sem arranquio enfraquece essa hipótese alternativa.

Será iniciado em breve o estudo anatômico das plantas atrofiadas para melhor esclarecer esse problema.

Conclui-se desde já, entretanto, que as plantas atrofiadas são irrecuperáveis, devendo ser substituídas logo após o surgimento dos sintomas bem caracterizados.

Trata-se provavelmente de um caso de incompatibilidade entre enxerto e porta-enxerto, sendo remota a possibilidade de que a atrofia seja devida a vírus.